

# O avassalador consumo patrimonial

José Aguiar | Arquitecto

***O entendimento hoje generalizado em Portugal de que o património – coisa dita na Lei como de todos e “identitária” – mas na prática destinada a servir privilegiadamente uma indústria turística altamente consumista, está a transformar, quotidianamente, o centro antigo das nossas cidades, num parque temático cada vez menos habitado e cada vez mais entregue a processos de segregação e fetichização patrimonial.***

**A**

s alterações da lei das rendas, a crise de projectos – que deixou os projectistas (estejam ou não nas “câmaras”) dependentes do angariar de projectos de hotéis e hotéis de charme – a orientação quase exclusiva da regulamentação e da indústria da construção civil para a produção do novo e que agora é reorientada, sem a menor reciclagem, para uma produção massiva mas em preexistências culturais – que desconhecem de todo –, na terrível pressa em que ocorre tudo isto, fez ocorrer a tempestade perfeita: surgiu uma reabilitação destrutiva e fachadista que assalta e destrói hoje o passado que era a nossa última reserva para um outro futuro, mais culto e sustentável.

Francoise Choay (no livro *Problemas do Património*) chama a este processo de: “Esclerose, Disneylandização, produção de pastiches, esterilização... a criação apressada de uma alternativa a um universo tecnicizado e monossémico”.

Outro estudioso, Javier Rivera Blanco, alerta num dos seus últimos estudos (*De Varia Restauratione*) que hoje a “guerra do património” evoluiu da eterna discussão entre conservação estrita vs intervenção renovadora, para esta nova e brutal realidade de um avassalador consumo patrimonial! E cito: “O problema [da conservação hoje] trasladou-se para a gestão,



1 | China, junto a Xangai: a falsa verdadeira “Thames City”, hoje!

maisons neo qualquer coisa, tipo Villa ou Villino (de Julio Iglésias, por exemplo), no meio há igrejas góticas quase francesas, praças quase italianas com pizzas quase verdadeiras. A vila é assaltada quotidiana e entusiasmadamente por verdadeiros Europeus!

Na China construíram-se recentemente cidades georgianas (Thames City perto de Xangai) e vitorianas, quase verdadeiras, ou antes, mais limpas em muito melhor estado de conservação do que as verdadeiras.

Em Portugal, no Porto e em Lisboa e em tantas outras cidades portuguesas, destruímos aceleradamente o nosso património, fixando as fachadas (ou demolindo tudo e refazendo-as em betão), destruindo aceleradamente os interiores e dizendo que estamos “a reabilitar”!

E cada vez mais me parece (recorrendo ao humor de Álvaro Domingues) que é muito mais genuíno e muito mais autêntico esse falso verdadeiro que os Chineses hoje constroem, do que o verdadeiro que transformamos em falso com esta coisa triste, apressada e desonesta que dizemos mal de “reabilitação”. ■

desfruto e obtenção de benefícios com o património. Se é legítimo aceitar a prioridade de que “restaurar é um fim em si mesmo”, daqui passa-se frequentemente ao uso e abuso do património não já como um produto cultural, mas sim como um produto industrial para o qual estão muito atentos alguns sectores só interessados na sua exploração económica”.

Na República Dominicana – descoberta em pleno renascimento – um gringo construiu uma vila “medieval e histórica” europeia (*Altos de Chávon*), com ruínas quase autênticas de um anfiteatro grego (junto à qual estacionam as camionetas) enquadradas por detrás por